

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ESCOLA DE FARMÁCIA

LIÇÕES DE INTERÊSSE COLONIAL

*Realizadas na Escola de Farmácia
da Universidade de Coimbra
em Maio e Junho de 1942*

(4.º CICLO DE LIÇÕES)



SEPARATA DE
«NOTÍCIAS FARMACÉUTICAS»

1942

Composição e impressão das Oficinas
da Tip. Alcobacense Lt.—Alcobaga



LIÇÕES DE INTERÊSSE COLONIAL

(4.º CICLO)

NA ESCOLA DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

CONVIRÁ deixar assinalado que as instalações dos estabelecimentos do ensino farmacêutico só muito recentemente conquistaram a sua independência.

Nem edifícios, nem qualquer material pedagógico remonta à instituição das grandes reformas universitárias: de D. João III, Marquez de Pombal, etc. Em 1902 criaram-se as Escolas de Farmácia, mas só em 1904, após concursos de provas públicas, com defesa de dissertações e teses, tiveram Corpo Docente privativo.

O actual edifício, cedido em 1911, carecia de importantes obras, para as quais verba alguma especial era consignada em orçamento. Foi preciso, ano a ano, desviar das magras dotações de laboratórios e biblioteca as verbas necessárias para, dentro da mais estrita economia, e respeitando a traça arqueológica da casa dos Melos, proceder a uma reconstrução consentânea com as necessidades do ensino.

Embora precariamente, já em 1915 havia as adaptações necessárias para a instalação de alguns serviços da Escola. Mas, ainda, depois de 1930, decorriam obras absolutamente indispensáveis. Desta forma, o material pedagógico sofreu da carência de dotações.

Últimamente,— após o período de extinção da antiga Faculdade, com o qual coincidiu o desaparecimento de alguns dos seus mais ilustres colaboradores — com uma situação mais favorável para se ministrar o ensino e para a efectivação de trabalhos de investigação científica, a acti-

vidade da Escola tem podido marcar um lugar, até certo ponto de relêvo, na vida Universitária.

O *Senado Universitário*,—reconhecendo os porfiados e laboriosos esforços de um reduzido Corpo Docente, sem verbas permitindo o desenvolvimento da actividade científica,—tem auxiliado, por diversas vezes, na distribuição do rendimento do *Fundo Sá Pinto*, alguns dos laboratórios da Escola. E tais benefícios repercutiram-se já na publicação de várias memórias e comunicações a Congressos.

Com dotações maiores, melhores instalações e um Corpo Docente mais numeroso a Escola de Farmácia de Coimbra teria condições mais eficientes para uma obra de elevado interêsse para a secular Universidade,—para Coimbra e para a Nação.

* * *

É incontestável que o movimento da Escola de Farmácia da Universidade de Coimbra,—iniciado em hora inteiramente feliz, graças ao espírito sempre vivo do seu corpo docente e discente,—animou-se de um permanente desejo, dominador, de *Bem Servir*.

Assim, souberam integrar-se nas idéias modernas de extensão universitária; e diversos foram os sectores que interessaram à Escola de Farmácia. Resultaram os melhores efeitos, em justa verdade deve dizer-se, dos *Cursos de Férias*, instituídos com o fim exclusivo de difundir conhecimentos técnicos e científicos, do maior interêsse profissional no seio dos farmacêuticos portugueses; e, não obstante dificuldades de tãda a ordem, sobretudo de natureza económica e financeira, têm-se realizado com periodicidade. Igualmente se empreendeu e realizou uma notável exposição de material anti-gás, que teve lugar no verão de 1938, com o maior successo, sob o lema:—*A Farmácia ao serviço da Nação*.

Mas, as iniciativas da Escola de Farmácia da Universidade de Coimbra não se circunscreveram a estes felizes êxitos; logo o dinamismo do seu espírito foi posto à prova com a criação e inauguração de nova iniciativa,—igualmente

patriótica, de interesse nacional —, organizando os estudos preliminares para um futuro *Curso Colonial*, destinado aos farmacêuticos que no ultramar venham a exercer a sua profissão.

Deve-se a sugestão dêste empreendimento ao muito digno Vice-Reitor Dr. Maximino Correia que, em conferência pública, defendeu o princípio da imperiosa obrigação da Universidade portuguesa se interessar, activa e carinhosamente, pelos estudos e desenvolvimento do nosso *Ultramar*. Escusado será encarecer que tão fecundos e prometedores recursos constituem o único meio da sua defesa e o modo de ser do nosso futuro como nação livre, de gloriosas tradições coloniais.

A magistral conferência «À margem do Congresso de Lourenço Marques» teve lugar após o seu regresso de África, onde, com brilho, representou Portugal.

Foi, pois, sob estes auspícios, que a nossa Escola se abalçou, dentro dos seus limitados recursos de dinheiro e tempo disponíveis, a dar ao Estado mais uma parcela do seu entusiasmo e do seu labor; com o concurso do seu professorado e auxiliares de ensino, — organizou uma série de conferências, ou *Lições de Interesse Colonial*, inaugurada logo no ano de 1939.

O 4.º ciclo das mesmas lições, tal como o terceiro, integrou-se na *Semana das Colónias*, correspondendo assim, inteiramente, ao apêlo da Universidade, da Sociedade de Geografia e de Sua Ex.ª o Ministro da Educação Nacional.

Nestas lições versaram-se não só assuntos dos mais palpantes, ligados com a profissão de farmacêutico, mas também se tornaram conhecidos produtos de acção medicamentosa de origem colonial, riquezas várias do nosso Império Ultramarino. Igualmente se procurou estudar, ainda, a criação de certas indústrias, *in loco*, como fontes de riqueza e progresso nacionais. Nos problemas focados nas *Lições de Interesse Colonial* um princípio tem dominado: — o conhecimento do nosso Ultramar, no campo das ciências médico-farmacêuticas, estabelecendo-se, ao mesmo tempo, um intercâmbio com os profissionais médicos e farmacêu-

ticos que há mais tempo se têm votado ao estudo e conhecimento destas matérias de valor económico, — tão elevado para o país.

Aproveita-se a oportunidade para, de novo, instar pela organização de um Museu de assuntos farmacêuticos, de interesse ultramarino, e bem assim lembrar,—a quem superiormente compete orientar e dirigir este patriótico e utilíssimo movimento de engrandecimento pátrio —, a criação de bolsas de estudo. Simultaneamente, com subsídios dados pelo Ministério das Colónias, podia iniciar-se uma obra de investigação, por certo, valiosa; e desta forma se contribuiria para que outros organismos tomassem conhecimento de algumas questões que só *in loco* devem ser convenientemente estabelecidas.

O 4.º Ciclo de *Lições de Interesse Colonial*, foi inaugurado solenemente sob a presidência do ilustre Professor e Vice-Reitor Dr. Maximino Correia, no dia 9 de Maio de 1942.

Sua Excelência teve palavras do maior elogio e louvor para este empreendimento da Escola de Farmácia, da mui digna direcção do Professor Dr. José Cypriano Rodrigues Diniz, formulando os melhores votos pela continuação e desenvolvimento de tão útil iniciativa. Embora realizada à custa de tantas dedicações, desejaria ver continuada e coroada com a publicação das conferências e lições já proferidas e, em especial, da que acabava de ouvir com tanta satisfação, da autoria do distinto professor Dr. Barros e Cunha, sob o título «Angola e suas possibilidades na Indústria Química».

A sessão terminou com palavras de muito agradecimento proferidas pelo seu digno Director e dirigidas ao Governo, a Sua Ex.ª o Ministro da Educação Nacional e ao digníssimo Professor e Vice-Reitor Dr. Maximino Correia, pelas referências encomiásticas com que distinguiu a Escola de Farmácia da Universidade de Coimbra.

1.^a LIÇÃO

(9 de Maio de 1942)

«ANGOLA E AS SUAS POSSIBILIDADES NO CAMPO DA INDÚSTRIA QUÍMICA» — Prof. Guilherme de Barros e Cunha

Referiu-se, de início, às riquezas minerais de Angola para depois pôr em relêvo as possibilidades de, nesta Província Ultramarina, se desenvolverem algumas indústrias químicas tais como a dos ácidos sulfúrico, azótico e clorídrico, das sodas comerciais, de certos elementos simples (hidrogénio, cloro, azote, enxôfre) e alguns dos seus derivados, vários metais, em especial o ferro, chumbo, cobre e seus sais.

Indicou a indústria da pirogenação das madeiras e correlacionadas. Para a fabricação das bakelites, hoje de uso tão largamente difundido, podia-se preparar o aldeído fórmico.

Por fim referiu-se à indústria da pasta de papel, da celulose, etc. e terminou as suas considerações indicando as possibilidades de ainda serem preparados corantes e medicamentos.

2.^a LIÇÃO

(22 de Maio de 1942)

O FABRICO DOS EXTRACTOS TANANTES E SUA VIABILIDADE NAS NOSSAS COLÓNIAS — Dr.^a D. Maria Serpa dos Santos

Começou a Sr.^a D. Maria Serpa dos Santos por referir-se à lição proferida no ano anterior pelo Sr. Dr. José Vale, sobre as possibilidades das nossas Colónias, quanto à produção de substâncias tanantes.

Citou as espécies mais frequentes e mais ricas em tanino, como as diversas acácias, e as espécies que constituem os mangais, — principalmente *Rhizophora mangle*, *Aircenia africana*, *Cryobalanus ellipticus*, etc.

Foi, então, encarada a possibilidade do fabrico dos extractos nas colónias, seguindo-se a descrição do método de preparação. Assim, indicaram-se, com certo desenvolvimento, as diversas fases do fabrico: trituração, extracção da matéria tânica, decantação e descoloração dos solutos; e,

finalmente, a concentração do extracto. Deu-se uma breve idéia dos maquinismos utilizados em cada uma destas operações, fazendo-se acompanhar a exposição de desenhos bastante elucidativos.

Referiu-se o facto de se tratar de uma indústria relativamente económica, tanto mais que o combustível necessário poderia ser constituído pelos lenhos extractados, fornecendo, mesmo, a energia suficiente para a exploração de outras indústrias derivadas, como a do fabrico de ácido acético e aproveitamento dos depósitos residuais, como adubos azotados.

Focaram-se, por fim, as vantagens da instalação desta indústria nas colónias: o aproveitamento da matéria prima que, ou por baixa percentagem de substâncias tânicas ou dificuldades de transporte, não poderia ser de outro modo utilizada. E atinge a cifra de milhares de contos a importação anual de extractos tanantes.

3.ª LIÇÃO

(30 de Maio de 1942)

OS FUNGOS DE ALGUMAS MICOSES DO ULTRAMAR

Prof. José Ramos Bandeira

Depois de demonstrar que, durante a preparação universitária do licenciado em Farmácia, se ministram conhecimentos pormenorizados sobre análises de aplicação à clínica, bromatologia, etc., — tendo por base os vastos conhecimentos de química e botânica —, o conferente passou a analisar os vencimentos dos funcionários dos quadros do ultramar, sobretudo de Angola, lamentando que a remuneração do farmacêutico não seja igual à do médico, veterinário, engenheiro, etc.

Seguidamente, descreveram-se os caracteres de alguns fungos, das micoses mais frequentes no ultramar, sobre as rubricas: história, habitat, morfologia, culturas, propriedades bioquímicas e biológicas, e terapêutica micológica.

Terminou, a lição, recordando que em 1939 sugerira a

instituição de um curso complementar para farmacêuticos destinando-se ao ultramar. Nessa ocasião sumariara o programa provável. Era-lhe grato registar que, em 1941, numa revista, de uma das chamadas grandes potências, se incluía um programa, sensivelmente análogo ao proposto em 1939. Registava que embora esse País não possuísse colónias, se preparava já para a possibilidade de, num futuro mais ou menos próximo, lhe interessar ter farmacêuticos com conhecimentos coloniais da especialidade.

Apelava para que, em Portugal, se aproveitassem os grandes recursos da farmácia imperial, desenvolvendo-se os estabelecimentos de ensino farmacêutico, de molde a poderem colaborar na grande obra de ocupação científica das Províncias ultramarinas. E, como consequência imediata desse desenvolvimento, resultaria, também, uma melhoria da situação económica do País, — com o progresso de certas indústrias farmacêuticas.

4.^a LIÇÃO

(6 de Junho de 1942)

VALOR ECONÓMICO DE ALGUMAS OLEAGINOSAS COLONIAIS — Dr. José Baeta Cardoso do Vale

Começou o conferente por dizer que já no primeiro ciclo de lições de interesse colonial, — realização auspiciosamente iniciada no ano lectivo de 1938-1939—, o Prof. Aloísio Fernandes Costa havia desenvolvido o tema: «Importância industrial e terapêutica de algumas oleaginosas coloniais», dissertando particularmente sobre o valor do fabrico dos óleos de rícino e palma, bem como os do grupo chaulmoógrico.

Entretanto, no assunto da sua lição, indicou a origem e a distribuição geográfica do sésamo e do amendoim, pormenorizando os processos de cultura e colheita. Referiu os métodos de obtenção dos óleos de gergelim e amendoim, seguidos nas nossas colónias, a utilização dos óleos, e ainda o valor das produções respectivas, de maior importância, especialmente em Moçambique, conforme a documentação estatística apresentada.

Terminou por dizer que, na nossa colónia de Moçambique, a exportação das oleaginosas representa cêrca de 50° o da exportação total, merecendo, por isso, a atenção dos que tiverem de velar pelo futuro e progresso da colónia.

5.^a LIÇÃO

(15 de Junho de 1942)

A INDÚSTRIA DA LANOLINA E SUAS POSSIBILIDADES NO ULTRAMAR — Dr. Luís Duarte Rodrigues

Após ligeiras referências sôbre as vantagens da criação dum Curso Colonial para Farmacêuticos, foi focado o papel que a Farmácia poderia desempenhar, colaborando nas indústrias e contribuindo para o aproveitamento das matérias primas que abundam nas Colónias Portuguesas.

Tratou-se, em especial, da indústri da lanolina, como podendo ter futuro em qualquer das Províncias Ultramarinas e muito especialmente naquelas onde abunda o gado lanígero.

No Continente,— embora se tivesse procedido a estudos vários, para a montagem desta indústri, em complemento das fábricas de lanifícios, os imprevistos da situação internacional impediram que até agora a sua efectivação fôsse uma realidade.

Depois de um resumo histórico sôbre a lanolina, descreveu-se, com pormenores, a estrutura do fio de lã, e a sua composição química, segundo as análises elaboradas por diversos autores.

Como a preparação da lanolina é uma consequência do desengorduramento da lã, usada na indústri de lanifícios, estudaram-se os processos mais aconselháveis para a obtenção de uma maior percentagem de gordura, sem contudo afectar a qualidade do fio de lã. No processo mais indicado, que consiste em fazer a extracção à custa da água, fêz-se o estudo da lavagem prévia e do desengorduramento pròpriamente dito.

Para a lavagem prévia foram apresentados esquemas de

alguns aparelhos, descrevendo-se o seu funcionamento, suas vantagens e seus inconvenientes.

Nas técnicas propostas para a extracção da gordura de lã, utilizaram-se dissolventes orgânicos, sabão, amónia, carbonato de sódio, etc.

Como processo recomendável e de uso corrente, apresentou-se o que consiste em fazer passar a lã por uma bateria de leviatanos, com água, a diferentes temperaturas, adicionada de carbonato de sódio.

A preparação da lanolina efectua-se a partir da água contida nos leviatanos, separando-se a gordura da lã por um dos processos seguintes:

- a) — precipitação pelos sais de cálcio e magnésio;
- b) — precipitação pelos ácidos;
- c) — centrifugação.

Depois de separada a gordura da lã, em especial pelo último processo, procede-se à sua purificação por: filtração, destilação no vácuo, tratamento pelo cloro, etc.

Finalmente, estudou-se a composição química da lanolina e as suas diferentes aplicações na indústria.

O conferente terminou com uma exortação aos estudantes, incitando-os a dedicarem-se aos problemas coloniais, a *Bem da Farmácia e da Nação*.

